



# Livro: futuro do presente

Reunidos no seminário comemorativo de 20 anos da Editora Fiocruz, especialistas discutem o futuro do livro e chegam à conclusão de que ele não morre, mas renasce

Fernanda Marques

**M**ais gente com livros nas mãos é melhor para todos nós". A frase, dita pelo escritor Deonísio da Silva, resume bem as motivações do seminário *O futuro do livro é o livro*, realizado pela Editora Fiocruz em comemoração aos seus 20 anos. Os debates travados contribuíram para dissolver a falsa dicotomia livro de papel versus livro digital, mas sem cair no reducionismo da convivência pacífica entre impresso e *on-line*. "Temos o dever de não sermos inocentes diante das mudanças tecnológicas, pois elas trazem consequências civilizatórias. Embora haja vantagens, é claro, não podemos embarcar nessa fábula feliz do simples acréscimo", ponderou o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Renato Lessa, que proferiu a conferência de abertura do evento.

As consequências, conforme apontado por outros convidados, incluem mudanças nas formas de ler e escrever influenciadas pelo fetiche da velocidade. "O papel não é sagrado. O que não se pode perder de vista é a atenção e a troca entre seres humanos",

afirmou o pesquisador Luis David Castiel, professor da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz). "Vivemos a era da produtividade transbordante, do 'recorta e cola', porque publicar é uma necessidade. É preciso também 'ir direto ao ponto', porque não há tempo a perder. Escrever é 'twitar' e ler é 'browsear'. Mas cuidado: entrever não é ver!", alertou. Castiel, que se referia, em especial, ao universo acadêmico, fez uma analogia dos tempos atuais com o filme de ficção científica *Fahrenheit 451*, inspirado no romance de Ray Bradbury (1920-2012).

O filme apresenta um futuro onde as opiniões próprias são consideradas subversivas e os livros, proibidos e queimados. Por um lado, estaríamos vivendo o avesso de *Fahrenheit 451*: não padecemos pela falta dos livros cassados, mas pelo excesso de informação que nos chega – "como um astronauta que aterrissa em um planeta desconhecido, no meio de um redemoinho", definiu Castiel. Por outro, não estaríamos tão distantes de *Fahrenheit 451*: afinal, a rapidez exigida dos pesquisadores para que publiquem artigos não lhes permite o exercício da crítica, mas tão somente uma destreza administra-

tiva. "Leitura e investigação não combinam com essa rapidez", disse. "É necessário defender a lentidão da leitura porque o exercício do pensamento é lento", concordou Lessa. "E artigos em periódicos não comportam elegância estilística", arrematou Castiel.

Não se trata de desprezar os artigos. Muito pelo contrário. Eles têm uma importância e um peso enorme na visibilidade e na disseminação do conhecimento científico que se produz. No entanto, reconhecer o papel do livro e, em especial, do livro acadêmico é recuperar outros valores, tanto científicos quanto humanistas. "Nosso compromisso é com uma produção cultural e não apenas técnico-científica. Nossa produção deve ter um impacto intelectual, de vanguarda, com caráter formativo mais geral e pluridisciplinar", destacou o editor-executivo da Eduerj, Italo Moriconi.

A defesa do livro como bem cultural se fez presente na fala de todos os participantes. "O que está primordialmente em pauta aqui é o livro *livro*, o produto livro, a cultura do livro, o livro como obra em si, a cultura da íntegra, do todo – e não do fragmento", assinalou o editor-executivo da Editora Fio-



cruz, João Canossa, atual presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu). Segundo Canossa, uma das principais contribuições do seminário era a de “compartilhar reflexões e sentidos, na busca por mais e melhores cenários para o livro – e, com este, para a cultura, para a arte, para a ciência, do Brasil ou de qualquer rincão outro, em prol de nossas e de outras populações”.

Opinião similar foi expressa pelo secretário-executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), José Castilho Marques Neto. “As editoras universitárias precisam assumir seu compromisso com a formação de leitores por meio da qualidade da leitura que oferecem. O leitor é conquistado por textos bons, bem editados. O livro acadêmico é uma prestação de contas para a sociedade que nos sustenta, mas o retorno deve ir além dos conteúdos científicos disseminados, porque o leitor ganha também no prazer da leitura”, ressaltou.

Uma bela prova disso pode ser encontrada nas memórias do médico mineiro Pedro Nava, tema da palestra apresentada pelo professor da UFRJ André Botelho. Os volumes da obra não são peças de autoconsagração do indivíduo, mas um convite ao mergulho em uma memória coletiva. “É uma espécie de autorretrato do Brasil, uma interpretação com a qual, mesmo passados 30 anos, o leitor contemporâneo se identifica”, afirmou Botelho. Pedro Nava ilustra, assim, a máxima de que o autor não escreve para si, mesmo em se tratando de suas próprias memórias.

“O livro é um prazer do autor para o leitor: eles se tornam confidentes”, disse Silva, professor aposentado da UFSCar (SP) e consultor das universidades Estácio (RJ) e Unisul (SC). E mais: “o livro é um objeto preguiçoso, que só ganha vida a partir do leitor”, completou o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha. Essa interdependência ajuda a explicar a relação sensível que se estabelece entre o leitor e o objeto livro.

De acordo com o presidente da Biblioteca Nacional, a biblioteconomia é necessária às bibliotecas, mas não suficiente. Segundo Lessa, bibliotecas também precisam, por exemplo, de

urbanistas, porque elas são parte da cidade e precisam estar muito bem integradas ao espaço urbano. “As bibliotecas precisam persuadir as pessoas. Se o mundo atual é o da velocidade, do instantâneo, do imediato, da captação imagética, então as bibliotecas precisam ser o espaço do experimental, da expansão do pensamento”, apostou. E foi além: “o cheiro dos livros é uma experiência visceral. A relação sensível com os livros não é dispensável. Por isso, não podemos simplesmente acabar com as formas porque preservamos os conteúdos”.

Entretanto, como lembrou o coordenador do programa SciELO, uma das principais contribuições do digital é justamente esse desprendimento do conteúdo em relação ao suporte. “Isso coloca em xeque a definição clássica de livro”, problematizou Packer. Segundo Moriconi, porém, a publicação digital não deslanchou no Brasil. “Tirando o mundo anglo-saxônico, a expansão do digital não é tanta quando se precinhou anos atrás. E o problema não é de produção, de capacidade tecnológica, mas de acesso, de consumo”, argumentou o editor da Eduerj. “Não podemos restringir a discussão ao livro digital em si. A questão é muito mais ampla e inclui o número de analfabetos funcionais e o poder aquisitivo para acesso às máquinas, além dos interesses econômicos de uma sociedade capitalista”, acrescentou o acadêmico Domicio Proença Filho. “Nem as editoras comerciais avançaram tão rapidamente no digital”, avaliou Moriconi.

Aliás, a questão das editoras comerciais, notadamente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, foi o tema da conferência de encerramento, proferida pelo professor de sociologia John B. Thompson, da Universidade de Cambridge. Em uma apresentação baseada na pesquisa que originou seu livro *Mercadores de cultura*, recentemente traduzido para o português e lançado pela Editora Unesp, Thompson descreveu uma profunda mudança no cenário editorial, com o fortalecimento de poucas grandes corporações e o encolhimento dos editores independentes, estes pressionados por uma conjunção

de fatores econômicos e tecnológicos.

Ainda em relação aos aspectos tecnológicos, Moriconi acredita que a promessa revolucionária do digital reside no hipertexto. “Seria a finitude do livro *versus* a infinitude do hipertexto; o fim do sentido *versus* a explosão de uma multiplicidade de sentidos, no plural. Mas nossa forma de pensar ainda é baseada no suporte, com começo, meio e fim, argumentação lógica e hierárquica, divisão em capítulos”, ponderou. Já Packer vê outro desafio. “Atualmente, temos capacidade e infraestrutura tecnológica para produzir e tornar disponíveis *e-books* acadêmicos. Mas em relação à visibilidade, ao uso e ao impacto desses *e-books*, estamos mal nos parâmetros internacionais”, advertiu.

Se a avaliação dos *e-books* acadêmicos é um assunto em aberto, tampouco essa discussão foi superada para os livros acadêmicos impressos. “Devemos empreender uma reflexão sobre o livro no âmbito do sistema de avaliação da pós-graduação”, sublinhou a vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, Nísia Trindade Lima. “Precisamos estabelecer para o livro critérios de avaliação, classificação e pontuação, e não apenas de premiação”, defendeu o diretor de Avaliação da Capes, Lívio Amaral.

Apesar dos desafios, os especialistas reunidos no seminário estavam convencidos de que não faltam motivos para celebrar o renascimento do livro. “As editoras brasileiras venderam 435 milhões de exemplares no ano passado; o MEC é o maior comprador de livros do mundo; o português é a terceira língua da internet; eu posso ler no celular e também manter uma biblioteca convencional. Temos mais é que falar de literatura. Popularizar mesmo”, recomendou Silva. Não por acaso a Editora Fiocruz manifestou o interesse de realizar o evento na Academia Brasileira de Letras, que gentilmente acolheu o pedido. “A ABL tem compromisso com a história e com o futuro. Acreditamos no livro e não abrimos mão de participar do contemporâneo”, disse o acadêmico Marco Lucchesi na mesa de abertura do seminário. ❀